

CARLOS DIAS, UM BOM LUGAR EM VIÇOSA-MG

Ana Luísa Silva Figueiredo – figueiredo.aluisa@gmail.com

Maristela Siolari da Silva – siolari@ufv.br

Resumo:

A segregação urbana fica nítida quando essas diferenças sociais são colocadas em primeiro plano: ela acontece por conta das disparidades e o resultado palpável são os bairros periféricos e comunidades de baixa renda, mais conhecidas como favelas. É possível entender a favela Carlos Dias como um território específico da cidade de Viçosa-MG, cujo histórico de formação é de conflitos com o poder público e privado. O trabalho foi desenvolvido através das metodologias de Pesquisa-Ação e Observação Participante. Pela análise das demandas e potencialidades do local foram definidos três eixos de trabalho: 1) Vias, Acessibilidade e Relação com o entorno; 2) Espaços de lazer e convívio e 3) Requalificação da Creche.

Palavras-chave: Favela, reurbanização, espaços urbanos.

1. Introdução

O crescimento das cidades – por conta do aumento populacional e também êxodo rural – ocasionou, ao longo do tempo, mudanças estruturais que, devido pressão da economia, tecnologia e cultura de massas somado a falta de planejamento e trocas de governantes, geraram problemas de transportes e fluxos.

Segundo Raquel Rolnik, “a cidade contemporânea se caracteriza pela velocidade da circulação. São fluxos de mercadorias, pessoas e capital em ritmo cada vez mais acelerado, rompendo barreiras, subjugando territórios.” (ROLNIK, 2004, p.10) O território pode ser entendido como a apropriação de um espaço geográfico por um indivíduo ou um grupo de pessoas. Estas barreiras e estes territórios podem ser físicos ou não e, quando as diferenças sociais presentes na cidade são abordadas a segregação fica claramente exposta. Milton Santos destaca que “é o uso do território e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social.” (SANTOS, 2002) e, portanto, são atores dos processos de apropriação e utilização dos territórios e os protagonistas dessas ações.

As cidades modernistas – muitas vezes só existentes enquanto projetos – vieram como resposta a estes problemas, tendo a setorização das principais atividades como base. Em seu livro *Pensando o Espaço do Homem*, Milton Santos faz uma reflexão sobre as concepções modernistas de cidade, dizendo: “era a glorificação do repetitivo, do feio, a serviço de uma reprodução mais rápida do capital.” (SANTOS, 2009, p. 36) Sendo o modernismo o movimento que tratava a habitação como *máquina de morar*, a cidade também ficaria a mercê do capital. Desta forma há um ambiente propício ao crescimento da cidade de forma irregular e sem fiscalização.

Enquanto os urbanistas modernos consideravam essas manifestações do atraso, do irregular, do imprevisto, como “exceções” a serem suplantadas pelo progresso, o que se viu foi o contrário. A cidade planejada e a habitação regularmente projectada são minoria. Há uma expansão do ilegal sobre o legal, do informal sobre o formal, da exceção sobre a regra. Na urbanização desurbanizada, a exceção é a cidade, a norma é a emergência de um “planeta de favelas”. (ARANTES, 2008, p.5)

E, segundo Carlos Leite “as pessoas nunca buscaram tanto se aglomerar. Em um planeta cada vez mais digital e virtual, nunca se buscou tanto o encontro físico, e as cidades foram tão atrativas.” (LEITE, 2010, p.104)

Desta forma é possível entender o bairro Carlos Dias como um território específico da cidade, cujo histórico de formação é de conflitos com o poder público e privado gerou grande segregação urbana e transformando-o em um bairro que gera má-impressão por parte dos moradores de demais bairros da cidade.

1.1. Problema

No município de Viçosa, a comunidade Carlos Dias localiza-se na área central, a comunidade pode ser entendida como uma ilha de pobreza. O termo é utilizado por Ribeiro

Filho (1997) por se tratar de uma ocupação urbana irregular em área de encosta cercada por bairros de melhor situação econômica. O acesso à comunidade se dá por dois entroncamentos da Rua dos Passos, a rua mais antiga da cidade e que ainda é uma importante via de acesso entre o centro e muitos bairros.

A falta de acessibilidade das vias, coleta de lixo adequada e qualidade das edificações – a Creche do bairro e as habitações – são alguns dos fatores abordados dentro da falta de infraestrutura urbana neste trabalho.

O trabalho foi desenvolvido através de questionamentos sobre qual seria a melhor forma de uma arquiteta urbanista atuar em favelas, caracterizadas como áreas de risco, de forma a identificar potencialidades e demandas de infraestrutura sem negligenciar as fragilidades socioeconômicas desse lugar.

Figura 1: Situação atual do Carlos Dias



Fonte: mapa elaborado pelas autoras

1.2. Objetivo

Este trabalho teve como objeto de estudo as ocupações urbanas ilegais em cidades de médio porte, com recorte em Viçosa, Minas Gerais propondo a reurbanização do bairro Carlos Dias, ou Sagrados Corações, popularmente chamado de Rebenta Rabicho.

No município de Viçosa, a comunidade Carlos Dias localiza-se na área central, a comunidade pode ser entendida como uma ilha de pobreza. O termo é utilizado por Ribeiro Filho (1997) por se tratar de uma ocupação urbana irregular em área de encosta cercada por bairros de melhor situação econômica.

É possível entender o bairro Carlos Dias como um território específico da cidade, cujo histórico de formação é de conflitos com o poder público e privado, gerando grande segregação urbana e transformando-o em um bairro que gera má impressão por parte dos moradores de demais bairros da cidade.

2. Metodologia

Esta pesquisa tem caráter exploratório. E, para que fossem cumpridos os objetivos determinados, foram realizadas as seguintes atividades:

- Revisão bibliográfica acerca dos temas *cidades, segregação urbana, identidade cultural, favelas, requalificação urbana*, relevantes para o estudo;
- Observação das dinâmicas sociais *in loco* do Carlos Dias;
- Estudos de caso para identificar propostas interessantes – soluções para problemas de áreas de construção irregular e o modo como as intervenções foram trabalhadas: arte urbana, praças de esportes e demais áreas de convívio;

Ao invés de realização de entrevistas e aplicação de questionários com a população do bairro, foi desenvolvida através da metodologia da Observação Participante proposta da realização de conversas com moradores que a autora já tinha certa proximidade e, também, análises através da observação da mesma.

Segundo David Tripp, a “Pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática” e ainda acrescenta que “as técnicas de pesquisa devem atender aos critérios comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica.” (TRIPP, 2005, p. 447). Assim, a proposta é investigar a melhor forma de intervir no *Carlos Dias* a partir das linhas de Pesquisa-Ação explicitadas pelo autor, que forem pertinentes a este trabalho.

De acordo com a Pesquisa-Ação deve-se partir de algum ponto ou um projeto já em desenvolvimento na área de estudo e buscar aprimorá-lo. Desta forma, houve a inclusão dos projetos da Casa Cultural do Morro nestas práticas. O projeto *Um Bom Lugar* deu início a requalificação urbana. Ao longo das atividades do projeto vem havendo participação de outras pessoas – como as Crianças Arteiras e demais moradores do bairro – além da autora, esta que fica com a função de coordenar e analisar posteriormente o que foi realizado. Para o levantamento de dados serão utilizados dados levantados pelo *Projeto Memórias do Morro*, também desenvolvido na Casa Cultural do Morro, bem como a documentação deste processo.

A Observação Participante complementa a metodologia da Pesquisa-Ação, pois trabalha alguns aspectos que são pertinentes, devido ao envolvimento da autora com a comunidade Carlos Dias. Segundo Licia Valladares, é uma metodologia de trabalho que exige tempo e interação entre o pesquisado e o pesquisador. Foi desenvolvida por William Foote Whyte em seu trabalho *Sociedade de Esquina*, que trata da análise sociológica de um bairro degradado de Boston, chamado *Corneville*. O autor percebeu que para realizar o estudo que desejava, deveria se tornar parte daquela comunidade para identificar as relações sociais de forma verdadeira e assim mudou-se para o local e realizou a pesquisa durante três anos. Retirou-se para redigir o livro, mudando-se para Chicago. (VALLADARES, 2007, p.155)

Licia faz uma resenha do livro de Whyte sintetizando as práticas da Observação Participante em *Dez mandamentos*. Dentre eles é destacado:

Mandamento nº3 – A observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. As informações que obtém, as respostas que são dadas às suas indagações, dependerão, ao final das contas, do seu comportamento e das relações que desenvolve com o grupo estudado. Uma auto-análise (sic) faz-se, portanto, necessária e convém ser inserida na própria história da pesquisa. A presença do pesquisador tem que ser justificada (p. 301) e sua transformação em “nativo” não se verificará, ou seja, por mais que se pense inserido, sobre ele paira sempre a “curiosidade” quando não a desconfiança. (VALLADARES, 2007, p.154)

Este *mandamento* encerrou quaisquer dúvidas existentes sobre como desenvolver este trabalho na comunidade Carlos Dias, uma vez que já existia um trabalho anterior da autora no local. Não há problema em transformar os projetos ali desenvolvidos em parte de um estudo acadêmico, por ser impossível uma dissociação da autora com a arte-educadora da Casa Cultural do Morro. O que persiste então é a forma com que o trabalho foi redigido: há detalhes importantes na forma escrita que demonstram a diferença entre as análises da autora, suas observações e a percepção dos moradores.

Outro *mandamento* colocou a questão de como seria a aproximação da pesquisadora com a população da área de estudo:

5) Uma observação participante não se faz sem um “Doc”, intermediário que “abre as portas” e dissipa as dúvidas junto às pessoas da localidade. Com o tempo, de informante-chave, passa a colaborador da pesquisa: é com ele que o pesquisador esclarece algumas das incertezas que permanecerão ao longo da investigação. Pode mesmo chegar a influir nas interpretações do pesquisador, desempenhando, além de mediador, a função de “assistente informal”. (VALLADARES, 2007, p.154)

Mesmo antes de conhecer a metodologia, já existia uma *Doc* no trabalho: Raissa Rosa, moradora da comunidade e Presidente da Casa Cultural do Morro. Raissa faz parte deste trabalho desde antes de tomar o formato que atual, pois possíveis melhorias no Carlos Dias sempre foram pautas de conversas que já aconteceram entre os arte-educadores da Casa Cultural do Morro. Ter uma pessoa aberta ao diálogo e realizar este papel de *Doc* foi fundamental para o entendimento das dinâmicas da área, sobretudo da vida das pessoas que ali residem.

3. Justificativa

A proposta desta pesquisa surgiu a partir da aproximação da proponente com a comunidade *Carlos Dias* através da Casa Cultural do Morro, associação que trabalha arte com crianças e jovens do bairro.

A Casa Cultural do Morro foi fundada em setembro de 2012 com o intuito de promover a inclusão cultural por meio de atividades artísticas visando redefinir sociabilidades e identidades dos participantes. As tradições artísticas e culturais afrodescendentes presentes na

comunidade, bem como conhecimentos e comportamentos locais são trabalhados nas atividades a fim de elevar a autoestima e recuperar o sentimento de valor próprio das crianças através da Arte. O primeiro projeto a ser desenvolvido na Casa foi o *Crianças Arteiras*, que ainda é o carro-chefe da Casa Cultural. Seu objetivo é trabalhar Arte em suas variadas manifestações com crianças de 5 a 12 anos proporcionando-lhes o aumento de seu capital cultural. Durante as atividades também se incluem noções de cidadania e solidariedade. Do Projeto Crianças Arteiras foi criado o *Um Bom Lugar*, que tem o propósito de colorir os muros das vielas do bairro com a arte realizada pelas Crianças Arteiras e respectivos educadores com técnicas de *graffiti* e *stencil*.

A requalificação urbana em favelas é uma temática pertinente, ainda mais com o crescimento acelerado deste tipo de ocupação, não só no Brasil, como em grande parte dos países do chamado *terceiro mundo* ou *em desenvolvimento*. A requalificação urbana em favelas pretende dotar um determinado espaço de infraestrutura visando a requalificação e revitalização destes espaços elevando a qualidade de vida. Pode-se lançar mão da arte urbana¹ – *graffiti*, *stencil*, instalações, intervenções e outras manifestações artísticas em forma de desenho – para sua realização.

É imprescindível analisar o processo de territorialização do bairro para conseguir entender as dinâmicas hoje ali existentes. Para isso é importante entender como se deve intervir em favelas, e o tema é destacado abaixo. Somente depois desse primeiro passo é que foi possível obter fundamentação teórica sobre as relações socioeconômicas e espaciais do *Carlos Dias*.

3.1. Projeto em Favelas

Para pensar a proposta de trabalho foi necessário o entendimento do papel do arquiteto em propostas de reurbanização de favelas. O arquiteto é o profissional que reorganiza espaços, melhora fluxos e trabalha a estética. Quando se trabalha com reurbanização de favelas surgem inúmeros problemas que devem ser levados em consideração, mas que não são de responsabilidade do arquiteto. Para que uma ação de reurbanização seja eficiente devem ser pensadas propostas por uma equipe interdisciplinar – de médicos a arquitetos passando por geógrafos e cientistas sociais.

No âmbito da arquitetura é impensável projetar, nos dias de hoje, seja na escala urbana ou no nível arquitetônico, sem considerar as mudanças urbanas que ocorrem de forma, cada vez mais latente, com o planeta. William McDonough coloca que “se compreendermos que o projeto manifesta a intenção humana e se o que fazemos com as nossas mãos deve ser sagrado e honrar a terra que nos dá a vida, então as coisas que fazemos não devem apenas

¹ Ver mais em Arte Urbana, neste trabalho.

erguer-se do chão, mas retornar a ele.” (MCDONOUGH, 2008 p.429) Desta forma, tudo o que for projetado deve ser pensado para as pessoas e de forma sustentável.

Se qualquer projeto deve ser tratado com cuidado, quando se trata de intervenções urbanas em favelas, deve-se dispor de delicadeza. A requalificação só funcionará se forem executadas propostas que sejam demandas verdadeiras da população local. Resgatando a problemática do histórico de intervenção de favelas, Jacques comenta que:

Do caso mais extremo onde a favela era removida e seus habitantes relocados em conjuntos habitacionais cartesianos modernistas, até o caso mais brando atual, onde os arquitetos da dita pós-modernidade passaram a intervir nas favelas existentes visando transformá-las em bairros, a lógica racional dos arquitetos e urbanistas ainda é prioritária e estes acabam por impor a sua própria estética que é quase sempre a da cidade dita formal. Ou seja, a favela deve se tornar um bairro formal para que uma melhor integração da favela ao resto da cidade se torne possível. (JACQUES, 2001, snp)

Ela mesma faz o contraponto e ressalta que as favelas já fazem parte da cidade há mais de um século e, portanto, o pensamento de intervenções visando a regularização destes aglomerados como bairros legais seria uma imposição autoritária formalista que pretende uniformizar o tecido urbano. Como ela faz a discussão sobre a estética das favelas, aponta:

Porque não se assume de uma vez a estética das favelas sem as pequenas imposições estéticas, arquitetônicas e urbanísticas, dos atuais projetos de urbanização que acabam provocando a destruição da arquitetura e do tecido urbano original da favela para criar espaços impessoais (que muitas vezes não são apropriados pela população local, ficando rapidamente deteriorados e abandonados)? (JACQUES, 2001, snp)

Quando se tratam de intervenções urbanas é importante “não ignorar nenhum grupo social, nenhuma forma de morar. A favela representa mais de 3% da população brasileira.” (PASTERNAK, 2008, p.75) Além disso, as práticas e relações sociais ali existentes são fundamentais para o sucesso de qualquer operação.

4. O Carlos Dias

Localizado na região central de Viçosa, o Carlos dias está próximo a serviços essenciais como educação e saúde. Apesar disso, dados relacionados ao índice de desenvolvimento humano são muito baixos. A população é estimada em 600 habitantes.

As características físicas da comunidade serão norteadoras do projeto, bem como a implantação das habitações e traçado das vias já existentes. Como se trata de uma área com relevo acidentado há preocupação com a acessibilidade nas vias, drenagem urbana e qualidade das fundações das habitações. Este último fator exige outros processos de pesquisa, como coleta de amostras do solo para análise em laboratório e inspeções em obras que não cabem a este trabalho.

A área a ser trabalhada compreende aproximadamente 315.000m², medido através de ferramentas do Google Earth. Grande parte está ocupada, mas ainda há grandes espaços

vazios. Do lado norte há um talvegue, com a presença de um curso d'água natural que é formado em ocasião de chuvas.

Entre os estabelecimentos do bairro há três bares, uma igreja evangélica, a Pastoral da Criança, da igreja católica, e a Casa Cultural do Morro.

4.1. Histórico

Registros oficiais não datam a criação da comunidade, mas é dito que aconteceu em meados da década de 1970. Sabe-se que sua história está diretamente relacionada ao êxodo rural, pois os primeiros moradores do morro foram trabalhadores oriundos das zonas rurais, que sem condições de comprar terras no centro ou proximidades, se instalaram no Pasto do Manoel Coelho, local que não oferecia atrativos econômicos para a população mais abastada. Além disso, moradores comentaram que parte da área era de propriedade da UFV, que doou para antigos funcionários fixarem residência. Isso ocorreu – também explicitado em conversas – pois aqueles que moravam em habitações dentro do campus da universidade foram retirados por conta da chegada de novos funcionários devido a expansão da mesma, fato reiterado por Ribeiro Filho:

Parte desta população, ou por não encontrar colocação no mercado de trabalho local, ou por não receber salário suficiente para ter acesso às áreas urbanizadas da cidade, foi levada a buscar soluções informais para seus problemas de habitação na favela “Rebenta Rabicho” e em áreas periféricas da cidade, onde construíram suas casas de baixo padrão construtivo, em sua maioria, e em sistema de autoconstrução ou de mutirão, à revelia das leis existentes. (RIBEIRO FILHO, 1997, p. 142)

De acordo com a moradora Dilza, na década de 1980 foi construído um muro, criando o bairro Vereda do Bosque, fazendo divisa com o Carlos Dias. O bairro que já era estigmatizado passou a ter uma fronteira física, reiterando a segregação social. Dilza coloca, também, que na década de 1980 foi, com incentivo de alunos da UFV, iniciado o processo de criação de uma Associação de Moradores no bairro, mas não chegou a se estabilizar.

A comunidade sofria com a falta de infraestrutura, pois não havia água, luz, rede de esgoto e coleta do lixo que mesmo sendo pouco, pois, os moradores não tinham acesso a bens de consumo ainda assim causava danos a aquele meio.

Na década de 1980 foi desenvolvido um projeto em sistema de apadrinhamento das crianças do bairro. Os doadores eram estrangeiros e faziam as doações em nome de cada criança. Foi decidido entre os moradores – através da Associação de Moradores - que a melhor forma para gastar o dinheiro do projeto seria na construção de casas de alvenaria, pois a grande maioria era de barro e sapé. Mas, antes era necessário melhorar a infraestrutura: calçamento de ruas, água encanada, luz e rede de esgoto. Para a realização das obras foi feita uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Viçosa e os moradores, sendo que a primeira doaria os materiais e os moradores a força de trabalho. Tanto a abertura de valas para

encanamento de esgoto, quanto das casas foram realizadas em *mutirão*². O acesso ao morro tinha sido fechado e para a realização destas obras foi reaberto, sendo os donos das terras indenizados. (SILVA, 2011, p.)

Em conversa com Carla Rosa foi abordada as dificuldades de construção das moradias no bairro, o que é reiterado por Arantes:

No lote ilegal, a casa é construída pelo esforço dos moradores que, nos seus dias de folga, ou mesmo à noite, erguem o abrigo que o seu pequeno salário não lhes permite comprar. A técnica é a mais rudimentar, os materiais, os mais baratos. O que é para ele a produção de um valor de uso, entretanto, representa socialmente uma economia para o capital. A fuga ao aluguer reduz o custo de reprodução da força de trabalho e a sua pressão pelo aumento de salários. Nas favelas, ironicamente, quase todos são “proprietários”. (ARANTES, 2008, p.5)

4.2. O Nome

O Carlos Dias é popularmente conhecido como *Rebenta Rabicho*, mas já foi identificado como *Levanta Saia* e *Pendura Saia*. Estes nomes remontam ao histórico de prostíbulos na comunidade, que de certa forma criaram uma imagem negativa do local. Outra questão relevante é a utilização da comunidade como álibi. Segundo Dilza, muitos casos extraconjugais da sociedade viçosense foram abafados com a mudança das amantes e filhos bastardos para a comunidade.

Já o nome *Rebenta Rabicho* é proveniente de uma história que é sempre contada pelos moradores. Dizem que em certa data, um padre chegou a comunidade em sua carroça, vindo pela antiga estrada que ligava a comunidade ao *Pau de Paina*, bairro que hoje é o atual Nova Era. Após realizar visitas e conversar com os moradores para pregar a fé cristã, subiu em sua carroça para retornar a cidade. Porém, nisso o cavalo que o levava se assustou com algum barulho ou movimentação e saiu em disparada, *arrebentando os rabichos* da carroça. O evento ficou marcado na memória da população e acabou se tornando referência para o local. É interessante, porém, que alguns moradores refutam essa ideia, dizendo que foi criação de algum morador que continua perpetuando.

Há, no entanto, uma placa na *Creche* – inaugurada durante o mandato do prefeito Antônio Chequer entre os anos de 1989 e 1992 – localizada na principal rua da comunidade, Rua Cimba Trigueira Jaceba, que a nomeia como Sagrados Corações. As diferentes nomeações fazem com que exista uma falta de identidade entre os próprios moradores, que ora falam Carlos dias, ora Sagrados Corações e, muitas vezes, somente *Rebenta*.

4.3. Moradores

A população de Carlos Dias é, predominantemente, de baixa renda. A maior parte da população economicamente ativa trabalha vendendo sua mão de obra em empregos

² Mutirão *sm* auxílio gratuito que uma coletividade presta a um ou vários de seus integrantes. (ROCHA, 1996 p. 422)

braçais, atuando como pedreiros e serventes na construção civil; como repositores e empacotadores em estabelecimentos comerciais da região, entre eles, o Supermercado Bahamas; como garis do Serviço Autônomo de Água e Esgoto – SAAE; como empregadas domésticas em casas de famílias ou em repúblicas de estudantes e em bares e restaurantes na cozinha ou como serventes. Outros adultos não têm ocupação formal, trabalhando em suas casas ou vivendo da aposentadoria.

Destes, ainda, a maioria é negra. Ser negro ou pardo no Brasil ainda é ter que enfrentar problemas cotidianos de racismo. Carla Rosa destaca que a maior dificuldade que enfrentou foi com a questão do emprego. Ela e outros moradores quando chegaram “na idade de arrumar serviço” só conseguiam em casa de família e, segundo ela, isso é humilhação e continua destacando que “eram dois preconceitos: da cor e da onde (sic) você mora”. Hoje em dia já são os moradores negros que trabalham no varejo, em lojas de informática e de bijuterias, conta.

Os primeiros moradores do Carlos Dias eram como já mencionado, ex-funcionários da UFV e trabalhadores rurais – que historicamente tem nível escolar baixo. Assim, muitos moradores mais velhos são analfabetos ou analfabetos funcionais. São poucos, como Dilza, que conseguiram concluir um curso superior, técnico ou até mesmo o Ensino Médio.

Muitos adultos – como Arlindo, que organiza o samba – estudaram na Fundação Nacional para o Bem-Estar do Menor – FUNABEM. Começou a funcionar nas dependências da Escola Agrícola Arthur Bernardes, no distrito de Silvestre, em 1964 com o objetivo de formular e implantar a política do bem-estar do menor. A maioria dos alunos era ou vindos das camadas populares de baixa renda das periferias do Rio de Janeiro ou menores desamparados da microrregião de Viçosa. Eram oferecidos cursos profissionalizantes em paralelo ao trabalho agrícola e noções de agricultura. (PANIAGO, 1990, p.145-146)

Atualmente, a grande maioria das crianças e adolescentes em idade escolar só tem acesso a colégios públicos. Dentre as Crianças Arteiras temos matrículas na Escola Estadual Madre Santa Face, Escola Estadual Coronel Antônio da Silva Bernardes – CASB e Escola Estadual Raul de Leoni, no centro. Somente uma das quase 60 crianças estuda em escola particular, o Centro Educacional Gênese. Outras que por ventura possam estudar em algum colégio particular conseguem bolsas.

4.4. O Samba

Assim como muitos aspectos da cultura brasileira, o samba tem início de forma confusa e propagada em focos no Rio de Janeiro e Bahia, no início do século XX. Tiago Gomes aponta que dentro da bibliografia existente sobre o tema, o livro de Hermano Vianna é pertinente, pois o autor se propõe a discutir o que o samba teria sido elevado ao status de símbolo nacional favorecido por um contexto cultural – aparentemente delimitado entre as

décadas de 1910 e 1930 – em que ganhava força o interesse por *coisas nacionais*. Beneficiando-se deste interesse, o samba teria chegado à sua condição atual, o que teria sido possibilitado na prática pela ação de *mediadores culturais*, que levariam fragmentos da *cultura popular* a uma *cultura de elite* que desconheceria em boa parte os elementos desta *cultura popular*. (GOMES, 2001, p.525)

O samba é uma importante característica da cultura negra no Brasil. As letras trazem sempre temáticas de luta por direitos e resistência. Os ritmos africanos também são relacionados ao surgimento do samba e disseminação do samba enquanto representante cultura de massas vem do interesse desta com ritmos que agregassem a dança à música. (GOMES, 2001, p.528)

No Carlos Dias existe o grupo *Beba do Samba*, formado em sua maioria por moradores da comunidade, mas que agrega alguns membros *da rua*. Formado apenas por homens, ensaiam e tocam no *Bar do Negão* com grande frequência, sendo que o *Samba no Rebenta*, aos sábados, já tem certo prestígio na cidade – principalmente entre os estudantes da UFV. Em algumas oportunidades o grupo se apresenta no *Bar do Marcelo*, no bairro de Lourdes, em Viçosa.

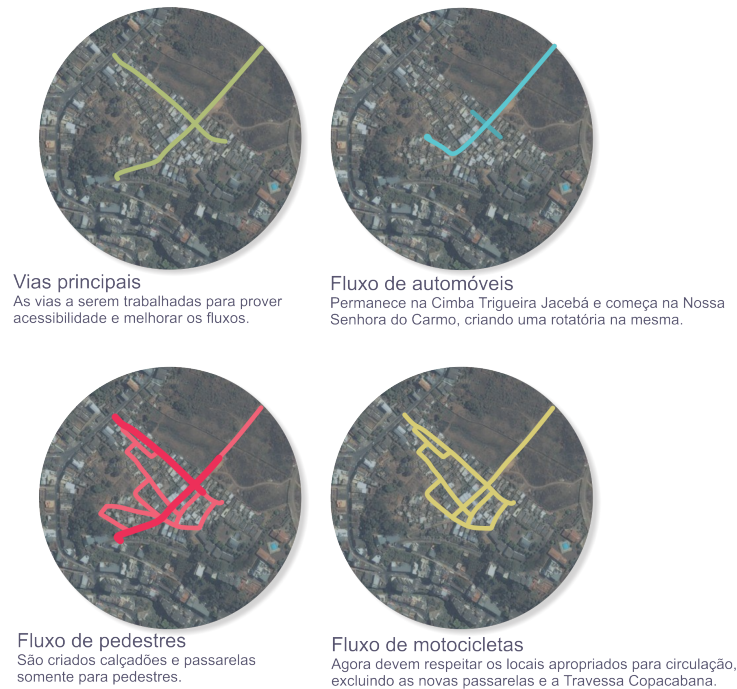
5. O Projeto

A partir destas noções teóricas foi possível pensar o que deveria ser feito, de fato, neste projeto de reurbanização de favelas. Através da análise das demandas e potencialidades foram definidos três eixos de trabalho: a) Vias, Acessibilidade e Relação com o entorno; b) Espaços de lazer e Convívio; c) Reestruturação da Creche.

No primeiro eixo já foram desenvolvidas possibilidades de alargamento de vias para o acesso de ônibus e facilitar o deslocamento de ambulâncias ou caminhões, quando necessário. Também foi aberto o acesso ao bairro pelo Beco Carlos Dias através da criação de patamares. Cada um tem uma função além do acesso: descanso, lazer e *morar*. Foi necessária a remoção de seis famílias para a criação destes patamares, mas um deles foi destinado a realocação destes moradores.

Para trabalhar a questão da relação com o entorno foi criado um espaço para a realização do *Samba do Rebenta*, sendo que o terreno tem porte para ser local da nova creche – no terceiro eixo – e, também, de um *pipódromo*, para as crianças soltarem suas pipas em segurança.

Figura 2: Análise da área; fluxos no Carlos Dias



Fonte: mapas elaborados pelas autoras sobre imagem do Google Maps.

5.1. Vias, Acessibilidade e Relação com o entorno

A ocupação do Carlos Dias foi realizada ao longo do tempo e as ruas abertas de acordo com a necessidade. Como consequência a malha viária é irregular e apresenta muita variação nas dimensões. Ao mesmo tempo em que existem vias largas que conseguem transitar até caminhões, outras não comportam mais do que uma motocicleta. Há vias que até determinado ponto é possível se deslocar em automóveis, mas estreitam e o avanço é impedido.

Visto a grande inclinação do morro não é possível implantar rampas para cadeirantes, mas estes podem acessar a comunidade através de melhorias na Rua Cimba Trigueira Jaceba. Se há acessibilidade, qualquer ambiente será adequado para pessoas que não tem deficiência.

Figura 3: Primeiro estudo dos patamares de acesso



Fonte: imagem capturada da maquete virtual elaborada pelas autoras.

5.2. Espaços de Lazer e Convívio

O espaço de convívio do Carlos Dias é a rua. Devido a grande inclinação do bairro há convergência de fluxos para a Rua Cimba Trigueira Jaceba. Localizada aproximadamente na metade do morro, é transversal e plana. Faz a ligação com a Avenida Brasil, que encontra a Joaquim Lopes de Castro no trevo do Hospital São João Batista. Ao sul, o acesso ao bairro é feito pelo escadão – começa na Rua Maria L. Araújo, ainda no bairro Vereda do Bosque.

O conceito de qualquer espaço de convívio deve ser a continuidade da rua que sejam acessíveis e que possam ser frequentados por crianças, jovens e idosos. O mapa de figura-fundo abaixo representado reforça a ideia de que o espaço de convívio dos moradores do Carlos Dias é mesmo a rua, os espaços públicos que restam são a Creche, a Pastoral da Criança, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus e o entorno da caçamba de lixo, que é utilizado pelas crianças como espaço para brincadeiras.

Foram identificados espaços que podem ser transformados em áreas de convívio e lazer. São espaços para realização de agricultura urbana, outros com mobiliário urbano que caracterizam espaços de descanso e convívio e realização de atividades que são caras aos moradores.

O local onde atualmente se localiza a caçamba para depósito de lixo é da Prefeitura Municipal de Viçosa e é prevista a implantação de uma praça nos moldes das vistas no Beco São Vicente. A ideia é aproveitar os espaços para que sejam realizadas múltiplas atividades – incluindo a possibilidade de um espaço para a realização do Samba do Rebenta, mas de forma que não descaracterize o evento. É interessante ter estes espaços sempre em uso para evitar que sejam utilizados para o narcotráfico, pois há vários pontos de venda de drogas dentro do bairro.

Vale a pena ressaltar que no bairro existe um local denominado Casa dos Artistas, nome dado pelos próprios moradores que agrega valor negativo ao local. A casa é frequentada por usuários de drogas e dependentes químicos, sejam eles membros de famílias do bairro e da cidade ou não. É preciso entender que se as áreas de convívio forem executadas de forma inadequada podem ser transformadas em ponto de tráfico.

A intenção de implantar espaços de agricultura urbana veio da observação que existe uma pequena plantação de mandioca e bananeiras próximas à Rua Nossa Senhora do Carmo e a Travessa Copacabana.

A agricultura urbana surge como uma incrível possibilidade de re-existência, com benefícios sociais, urbanísticos e ambientais. Uma prática relativamente fácil e de baixo custo fornece desde o plantio de hortaliças, passando por árvores frutíferas e cultivo de plantas medicinais, propiciando aos sujeitos envolvidos uma reaproximação com a terra e integração da comunidade quando replicada, seja através da troca de produtos ou pelas iniciativas de

hortas comunitárias. Para a juventude, é uma possibilidade pedagógica de educação ambiental e outra relação com a natureza. Em quintais, a cobertura vegetal ainda propicia a permeabilização do solo, entendendo essa questão como fundamental na discussão das cidades. E para além das modificações reais no cotidiano destas pessoas, ainda podemos observar uma transformação radical na paisagem, onde o verde passa a integrar diferentes espaços.

5.3. Reestruturação da Creche

A Creche do Carlos Dias foi inaugurada durante o mandato do Prefeito Antônio Chequer, de 1989 a 1992. Junto com a sua criação foi realizada a obra de implantação dos sistemas de água e esgotamento pelo SAAE.

Seu funcionamento era regular até o início de 2013, quando, por determinação da Secretaria de Educação, a creche foi fechada. O motivo seria a falta de qualidade da edificação, sendo que a fundação está comprometida, com o aterro já desestabilizado. As crianças foram remanejadas para outra creche e recebem transporte gratuito pela prefeitura.

Em agosto do mesmo ano foi realizada uma reunião entre os pais e mães das crianças com a Secretária de Educação e a diretora da escola em que elas estavam. Na condição de coordenadoras da Casa Cultural do Morro fomos convidadas pelos pais para participar. O principal argumento é que devido a necessidade de locomoção – esta nova escola fica em outro local da cidade, tendo que atravessar o centro – muitos pais optaram por manter as crianças em casa devido a proximidade. O conforto de ter os filhos estudando próximos de casa, ainda mais na idade entre 2 e 5 anos, é tranquilizante.

Ficou proposta que seria realizada uma reforma na creche a fim de que as crianças pudessem retornar ao Carlos Dias no ano letivo de 2014, mas, nada foi feito.

Sendo demanda urgente da comunidade foi repensado, neste trabalho, uma realocação da creche, visto que as condições da existente são precárias. Utilizou-se o terreno onde hoje localiza-se a caçamba coletora de lixo. Local também adequado para o pipódromo e o espaço para a realização do *Samba do Rebenta*.

6. Considerações Finais

A temática de projeto urbano sempre me foi cara. A cidade como um todo é objeto de estudo para o arquiteto e urbanista e senti-la é fundamental. A segregação urbana é evidente e não poderia passar despercebida no final da graduação, assunto sempre incômodo.

A aproximação com a comunidade Carlos Dias permitiu que obtivesse informações significativas para a realização deste trabalho. Ao mesmo tempo, realizar as pesquisas in loco sem causar algum falatório entre os moradores foi uma dificuldade, visto que os trabalhos que tem a comunidade como assunto são vistos com maus olhos pelos moradores.

Ao finalizar este trabalho chegamos a conclusão de que há muito para ser feito na comunidade Carlos Dias e que é preciso distanciar o olhar do arquiteto ao olhar de participante, deixando, agora, apenas a observadora.

7. Referências

- ARANTES, Pedro F. O lugar da arquitetura num "planeta de favelas". **Opúsculos - Pequenas Construções Literárias sobre Arquitetura**. Editora Dafne: Porto, 2008. Vol.11. Disponível em: <http://dafne.pt/conteudos/livros/o-lugar-da-arquitetura-num-planeta-de-favelas/opusculo_11.pdf> Acesso em 9 de janeiro de 2014.
- GOMES, Tiago de Melo. Hermano Vianna O Mistério do Samba. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Versão On-line, v. 21, n. 42, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n42/a14v2142.pdf>> Acesso em 3 de fevereiro de 2014
- MCDONOUGH, William. Projeto, Ecologia, Ética e a Produção das Coisas. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**: Antologia teórica 1965-1995. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008. Cap. 8. p. 428-438. Tradução: Vera Pereira.
- LEITE, Carlos. Cidades 2010+25. **aU – Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, ano 25, n.197, p. 104-107, agosto 2010.
- JACQUES, Paola B. Estética das favelas (1). **Arquitextos**, 2001. Vitruvius. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>> Acesso em 7 de novembro de 2013.
- PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa - Mudanças Socioculturais: Evolução histórica e tendências**. Viçosa: Ufv, 1990.
- PASTERNAK, Suzana (Org.). A Favela que virou Cidade. In: VALENÇA, Márcio Moraes. **Cidade (I)legal**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. Cap. 4. p. 73-108.
- RIBEIRO FILHO, Geraldo B. **A formação do espaço construído: cidade e legalização urbanística de Viçosa-MG**. 1997.247p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ).
- ROLNIK, Raquel. **O que é Cidade**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SANTOS, Milton. Prefácio. In: **Território: Globalização e Fragmentação**. Organização: SANTOS, M. SOUZA, M. A. A. de, SILVEIRA, M. L. 5ª Edição, São Paulo: Hucitec/Anpur, 2002.
- _____. **Pensando o Espaço do Homem**. 5ª Ed. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 90p.
- SILVA, Maria Dilza. **O acesso de jovens da Comunidade Carlos Dias a Universidade Federal de Viçosa Universidades**. 2011. Monografia (Graduação em Pedagogia – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG)
- TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>> Acesso em 31 de outubro de 2014.
- VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2007, vol.22, n.63, pp. 153-155. ISSN 0102-6909. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092007000100012>> Acesso em 31 de outubro de 2014.